

Doutrinação política e ideológica nas escolas

Prof. Bráulio Tarcísio Porto de Matos

Brasília, Câmara Federal, 24.03.15

Apresentação

Boa tarde a todos. Obrigado pelo honroso convite. Embora o tema desta Audiência Pública seja, em si mesmo, muito desagradável, espero que alguns resultados de pesquisas que venho realizando ao longo de duas décadas de trabalho na Faculdade de Educação na Universidade Brasília (UnB) possam ajudar Vossas Excelências e os demais convidados a compreender melhor o assunto em questão.

Para ser conciso e didático, tentarei responder as seguintes perguntas:

- 1ª) A doutrinação política e ideológica é um **problema real** no contexto escolar brasileiro?
- 2ª) Em caso afirmativo, quais são as **causas** do fenômeno?
- 3ª) E quais são as suas **consequências**?

Um problema real?

A primeira pergunta é, de certo modo, a mais espinhosa, especialmente por sua dimensão filosófica, impossível de ser tratada no escopo de uma exposição breve como esta. Será, contudo, suficiente para nosso propósito aqui citar dois autores que expressam um antagonismo crucial em relação à legitimidade da prática de doutrinação político-ideológica nas escolas e nas universidades.

Em defesa da **neutralidade político-ideológica** do professor, disse Max Weber, o sociólogo alemão que ajudou a redigir a Constituição de Weimer:

“É imperdoável a um professor valer-se dessa situação (BTPM – do privilégio da palavra em sala de aula) para buscar incutir em seus discípulos as suas próprias concepções políticas, em vez de lhes ser útil, como é de seu dever, através da transmissão de conhecimento e de experiência científica”.

Via de regra, é esse o entendimento, por exemplo, dos Prêmios Nobel em ciências (física, química e medicina).

A favor da **militância político-ideológica** do professor, disse Vladimir Lenin, o líder da revolução soviética:

“O essencial em toda escola é a orientação ideológica e política do ensino, o que é determinado inteiramente pela composição do corpo docente. Dai-me uma instrução pública que doutrine 100% e eu vos dou um comunista irresistível”.

Será esse o entendimento dos gurus da educação brasileira quando falam em “formar a consciência crítica” dos alunos?

Nesse caso, eu começaria observando o seguinte: ainda que inúmeros professores entendam que a doutrinação político-ideológica seja parte de sua missão profissional, é muito difícil sabermos se esses professores estão doutrinando efetivamente os seus alunos, especialmente no que concerne ao trabalho realizado na sala de aula, que goza da proteção estendida da *liberdade de cátedra*.

Acrescenta-se a isso um problema de ordem conceitual muito importante, cabendo lembrar, nesse particular, que “não há nada mais prático do que uma boa teoria”, como bem disse Kurt Lewin: do que *exatamente* estamos falando quando empregamos a palavra “*ideologia*”?

Raymond Boudon, no verbete “Ideologia” de seu conceituado *Dicionário crítico de sociologia*, afirma que *ideologia é uma noção obscura* patenteada pelo marxismo, obscuridade aumentada, acrescento eu, pela multiplicidade de seitas marxistas, neomarxistas, filomarxistas, protomarxistas, crítico-progressistas e até pós-marxistas que disputam a herança teórica deixada pelo pai do comunismo moderno. O que Boudon não diz é que a noção de ideologia patenteada pelo marxismo não é somente obscura, mas também, e essencialmente, *politicamente obscurantista*, já que ela não foi elaborada para servir à investigação científica imparcial, mas para servir como *arma de combate na luta pela conquista do poder político e implantação de um regime comunista*. Boudon não diz que a infiltração cultural nas escolas e universidades, na imprensa, nas igrejas e demais instituições da sociedade civil foi intencionalmente concebida por marxistas como Antônio Gramsci como nova estratégia revolucionária de tomada do poder em sociedades onde não seja possível fazê-lo direta e imediatamente por meio da luta armada. Boudon nem sequer menciona no verbete o nome de Gramsci, considerado “*O maior marxista ocidental do século XX*” por Eric Hobsbawm (ele próprio um ícone da hagiologia marxista). Em uma palavra, Boudon não diz aquilo que Jules Monnerot diz clara e convincentemente em seu livro *Desmarxizar a universidade*

(livro que espero venha a ser publicado urgentemente em nosso país): que o marxismo deve ser estudado pelo que é, uma **mitologia política**, uma espécie de religião civil. Mais ainda, uma mitologia insidiosa porque se disfarça muito bem como se fosse uma escola de pensamento científico como outra qualquer; uma mitologia, enfim, que esconde o seu propósito último de valer-se do pluralismo de ideias instituído no ambiente escolar/acadêmico e do pluralismo político instituído no sistema representativo para destruir esses pluralismos e substituí-los pela **ciência oficial** e pelo **partido único** quando for chegada a hora. Vale lembrar que a Constituição Cubana castrista estabelece o marxismo como doutrina oficial e única do sistema educacional do país. Vale lembrar também que palestrará hoje aqui a jovem e corajosa professora Ana Caroline Campagnolo, que barrou a tentativa de se instituir o “materialismo histórico-dialético” como doutrina oficial no Estado de Santa Catarina!

Pois bem, para fins de tudo o mais que direi aqui nesta palestra, peço a vocês que entendam *ideologia* como:

Um discurso ficcional e simplista que se apresenta como verdade a ser assegurada em última instância pelo controle total do poder governamental.

Asseguro-lhes que me tomou bem uns trinta anos de estudo para chegar a essa definição. Nessa acepção, a expressão “doutrinação política e ideológica” seria até redundante, visto que a obsessão por tudo politizar, por tudo partidarizar politicamente, já seria uma nota essencial do conceito de ideologia. Bastaria, então, falar em “doutrinação ideológica nas escolas” e já saberíamos tratar-se da partidarização política radical do processo de ensino-aprendizagem.

Vejamos se minha definição ajuda a responder nossa primeira questão: a doutrinação ideológica é um fato em nossas escolas?

Uma das poucas pesquisas de abrangência nacional cujos resultados indicam a presença significativa da doutrinação política e ideológica em nosso meio escolar foi realizada pela CNT/CENSUS em 2008. E antes que se recorra à falácia de que essa pesquisa não é crível por ter sido divulgada pela odiosa *Revista Veja*, observo que os resultados dessa pesquisa são coerentes com os resultados de uma pesquisa patrocinada pela Unesco segundo a qual apenas 8,9% dos professores brasileiros indicaram “proporcionar conhecimentos básicos” aos alunos como uma das finalidades importantes da educação; 72,2% deles preferiram atribuir ao professor o papel de “formar cidadãos conscientes”.

O quadro 1, apresentado na página seguinte, resume os principais resultados da pesquisa CNT/CENSUS.

Sendo professor de metodologia científica, estou ciente das limitações das pesquisas de opinião. Tudo ponderado, contudo, os resultados dessa pesquisa são muito relevantes para o nosso problema. Verificamos aí que:

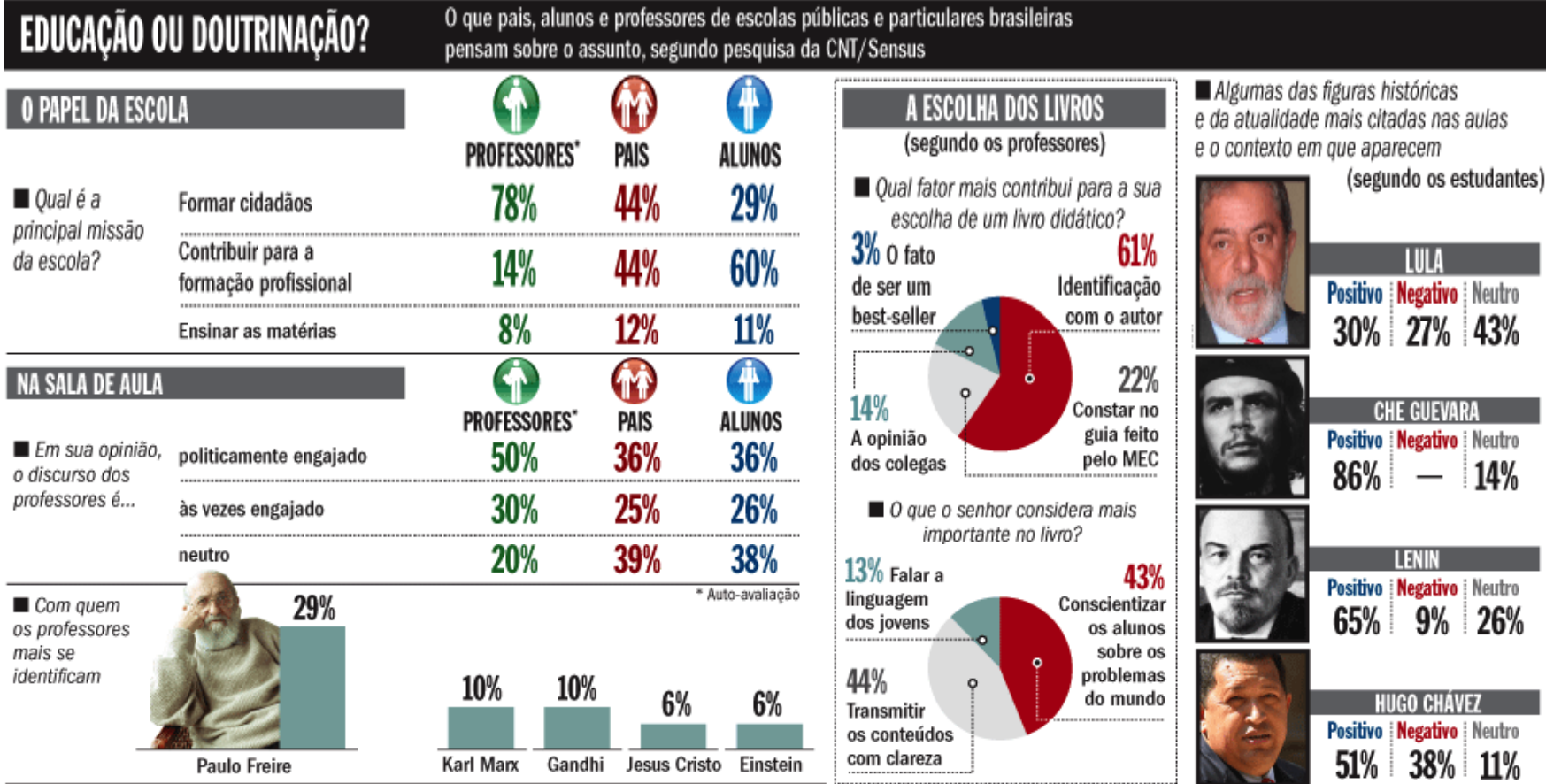
- 1) Os estudantes apontam claramente o viés esquerdista na maneira como aprendem história política contemporânea (vide os ídolos políticos mais citados nas salas de aula);
- 2) Os professores valorizam relativamente menos a transmissão de conhecimentos científicos básicos do que os próprios alunos e seus pais. Ou seja, enquanto a maioria dos pais pensam que seus filhos estão na escola assimilando conteúdos que contribuirão para a sua formação profissional, a maioria dos professores acredita ser mais importante preparar esses alunos para “a cidadania”.

Menos evidentes, porém, são as conexões entre os blocos de resultados desse quadro (papel da escola, figuras históricas mais citadas e com quem os professores mais se identificam). Afinal, “*o que Paulo Freire teria a ver com Che Guevara e com Lenin, meu Deus do céu?!?*”, poderia perguntar um leitor menos avisado. Não vou discutir aqui:

- a) O marxismo adotado por Paulo Freire. Isso nos levaria a discutir essa corruptela intelectual chamada “Teologia da Libertação”. “*Lendo Marx eu encontrei alguma razão objetiva para continuar camarada de Cristo*”, disse Freire na última entrevista que concedeu antes de morrer.
- b) Ou se Paulo Freire era, ele próprio, *paulo-freireano*. Ele era. Mas isso nos levaria a discutir uma questão análoga à relação entre Marx e o marxismo (que recusou a paternidade do marxismo ... e do filho que teve com a empregada doméstica dele).

Quadro 1 – Resultados da enquete realizada pelo instituto CNT/SENSUS - 2008

Fotos: AE, Jaime Reina/AFP, AP, ABR



Fonte: Revista **Veja**, edição nº 2074, de 20 de agosto de 2008, páginas 76 e 77.

- c) E nem se Paulo Freire e os paulo-freireanos são aquilo que Lenin chamou de “idiotas úteis” da causa comunista. Isso nos levaria a discutir se a maioria dos professores que se identificaram com Paulo Freire no quadro supra apresentado identifica-se também com o marxismo ou considera-se simplesmente “humanista cristã de esquerda” ou algo do gênero. Ainda que assim seja, caberia então lembrar que embora as revoluções nunca sejam feitas por majorias e sim por oligarquias aguerridas, também é verdade que elas nunca conseguem ser bem sucedidas sem a cumplicidade das majorias.

Esses pontos são muito importantes, mas não tenho tempo para aprofundá-los aqui. Preciso contudo dizer com todas as letras nesse momento que o *paulo-freireanismo é profundamente ideológico* no sentido da definição por mim proposta anteriormente. Para ilustrá-lo, confirmam o que diz o professor Moacir Gadotti, um dos paulo-freireanos mais devotos, sobre o papel ideal a ser desempenhado pelos professores:

“Educar nessa sociedade é tarefa de partido (...) porque não é possível ao educador permanecer neutro: ou educa a favor dos privilégios da classe dominante ou contra eles, ou a favor das classes dominadas ou contra elas. Aquele que se diz neutro estará apenas servindo aos interesses do mais forte, isto é, à classe dominante. No centro, portanto, da questão pedagógica, situa-se a questão do poder.” (A postura do educador numa sociedade em conflito).

Embora “*a classe dominante*” exista apenas na imaginação do professor Gadotti e dos paulo-freireanos, isso não significa que tal ficção não tenha (e possa ter cada vez mais) eficácia como *mito político*. Desnecessário lembrar o assassinato de milhões de pessoas comuns após serem classificadas como “inimigos de classe” pelos regimes marxistas ao longo do Século XX. E o impressionante é que lembrar que embora as seitas marxistas não se entendam sobre o que seja exatamente “*classe social*”, outra *noção obscura e obscurantista*, todas elas se unem no espírito de certeza absoluta quando se trata de tirar a vida dos membros da tal “*classe dominante*” quando a violência revolucionária é deflagrada. Eis um perfeito exemplo de como *relativismo epistemológico* se combina com *fanatismo político*! Eis o significado último do lema “*pessimismo teórico, otimismo prático*” de Antônio Gramsci.

Nesse caso, portanto, cabe considerar que a hagiologia revolucionária apresentada do lado direito do quadro CNT/CENSUS tende sim a ser fruto do engajamento ideológico do professorado apresentado do lado inferior esquerdo do quadro, militância essa mais preocupada em “conscientizar politicamente” os seus

alunos do que instruí-los cientificamente, como também se verifica no lado superior esquerdo do mesmo quadro.

Parece-me, portanto, que a doutrinação político-ideológica em nossas escolas é *um problema muito real* em nosso país. Eu diria até, por razões que ficarão mais claras adiante, que o cartaz que causou tremenda indignação nas redes sociais ao conter os dizeres “*Chega de doutrinação marxista! Basta de Paulo Freire!*”, expressa *um dos diagnósticos mais lúcidos da crise política* que o país está vivendo neste momento.



Fotografia da faixa que causou furor nas redes sociais

Causas do problema?

Irei diretamente a minha resposta: os cursos de formação de professores (os cursos de licenciatura, em geral, como e os cursos de Pedagogia, em particular) transformaram-se há muito tempo (ainda durante o regime militar) em importantes fontes de doutrinação política e ideológica de jovens e adultos em nosso país. Vale indicar aqui a leitura de “*A miséria da ideologia*”, escrito por Simon Schwartzman, de 1980 (!), onde se lê:

“Uma das características mais significativas, e menos analisadas, do Brasil dos últimos anos, foi o fracasso das ideologias de direita e o sucesso das ideologias de esquerda. Essa afirmação pode parecer absurda, mas é a mais pura verdade: por mais que tenha sido tentado, não foi possível formar no país uma ideologia conservadora suficientemente articulada e que

encontrasse aceitação e guarida em setores significativos da população. (...) Por outro lado, apesar da repressão – e, muitas vezes, graças a ela – as ideologias de esquerda floresceram nos meios mais educados.

Desprovida de uma ideologia consistente e socialmente respeitada, a censura só serviu para transformar livros pouco conhecidos em best-sellers, e fazer famosas as canções de protesto e peças teatrais mais audaciosas”.

É bom considerar que os cursos de licenciatura matriculam aproximadamente 1.300.000 estudantes (cerca de 20% do conjunto dos estudantes universitários do país), que os cursos de pedagogia correspondem a 45% do total das licenciaturas (cerca de 600.000 alunos), que esses cursos formam 200.000 professores por ano, destinados a atuar junto à uma população estudantil de mais de 50.000.000 de crianças e jovens. Ou seja, estamos falando de muita gente para instruir com vistas a tornar o Brasil melhor ou para doutrinar ideologicamente e catapultar o país para trás.

Eu diria até que o problema da doutrinação político-ideológica é mais grave nos cursos de Pedagogia do que nos demais cursos de licenciatura, seja porque o engajamento dos professores nessa área debilita mais diretamente a autoridade profissional desses professores do que nas outras áreas, seja porque a doutrinação política e ideológica parece já ter se tornado *hegemônica* nessa área. Mesmo que se engajem na militância político-ideológica, professores de matemática, física e química não têm como desincumbir-se totalmente da tarefa de ensinar conteúdos científicos consagrados. Nos cursos de pedagogia, contudo, não raro escutamos professores sustentando a tese de que “*não estamos ali apenas para preparar professores que saberão ensinar as crianças a ler, escrever e fazer contas; que estamos ali sobretudo para formar cidadãos críticos*”.

Considero essa *tese absurda e desonrosa* para qualquer alfabetizador de verdade. *Como assim apenas ler, escrever e fazer contas?!* Será que esses professores se esqueceram como foi difícil para eles mesmos aprenderem a ler, escrever e fazer contas, a gostar de ler, escrever e fazer contas, e quanta gratidão eles devem àqueles e àquelas que os alfabetizaram?! Quantas e quantas vezes, acompanhando minha mãe e minhas tias, que foram normalistas de escol, não ouvi com orgulho senhores de cabeça branca abordá-las na rua para agradecer por terem sido por elas alfabetizados!

Além disso, um indicador importante de que os cursos de pedagogia há muito já entraram na “fase superior” da doutrinação política e ideológica reside na falta de

percepção quase total de que possa sequer existir um problema como esse nessa área. Via de regra, ou os colegas da área simplesmente ignoram as críticas feitas a quaisquer bobagens ditas por seus gurus (Freire, Saviani, Libâneo, Arroyo, etc), ou reagem de forma meramente emocional, indignadíssimos, a tais críticas. Deveriam meditar melhor se não é mil vezes preferível *deixarmos as nossas ideias ruins morrerem em nosso lugar*, característica de uma *sociedade aberta*, como observou Karl Popper, do que matarmos aqueles de cujas ideias discordamos, característica dos regimes totalitários. Parece-me inclusive que a observação perspicaz feita pelo filósofo Olavo de Carvalho sobre as reações diferenciais que enfrentamos ante a privação de *dinheiro, saúde e inteligência* explica em larga medida o que está acontecendo no âmbito dos cursos de pedagogia como um todo. Diz o filósofo que quanto mais perdemos a saúde e o dinheiro mais sentimos falta deles, ao passo que quanto mais perdemos a inteligência menos sentimos falta dela! Pois bem, sendo a ideologia antitética à inteligência, ousa dizer que *quanto mais ideologicamente vemos o mundo, menos nos damos conta de que estamos vendo o mundo ideologicamente*.

Vou encurtar esse tópico apenas mencionando alguns resultados básicos de pesquisa que apontam claramente essa perda de rumo na formação de professores no Brasil e o quanto isso se deve ao engajamento político e ideológico dos docentes desses cursos de formação.

- 1) Após analisar mais de 4.000 ementas das disciplinas obrigatórias de uma amostra de 70 cursos de pedagogia existentes no país, a pesquisadora Bernardete Gatti descobriu que menos de 30% das disciplinas desses cursos são destinados *ao que e como ensinar em termos de conteúdos científicos consagrados*. A maioria das disciplinas é destinada ao que ela chama de “*fundamentos sociais da educação*” e “*legislação escolar*”. O mesmo perfil de formação foi identificado pela professora Gatti após analisar editais de 30 concursos públicos destinados a contratação de professores em diversos estados da federação. O quadro seria ainda mais impactante se a professora Gatti tivesse também analisado o provável viés ideológico marxista, neomarxismo, filomarxista, etc presente nas disciplinas que compõem a categoria que ela denomina fundamentos sociais da educação: muita pseudo-filosofia, pseudo-sociologia, muito pseudo-história, etc. Isso para não falar da precariedade dos estágios supervisionados no âmbito desses cursos, hipótese também levantada pela professora Gatti.

Tabela 1 – Alguns resultados básicos da pesquisa de Bernardete Gatti

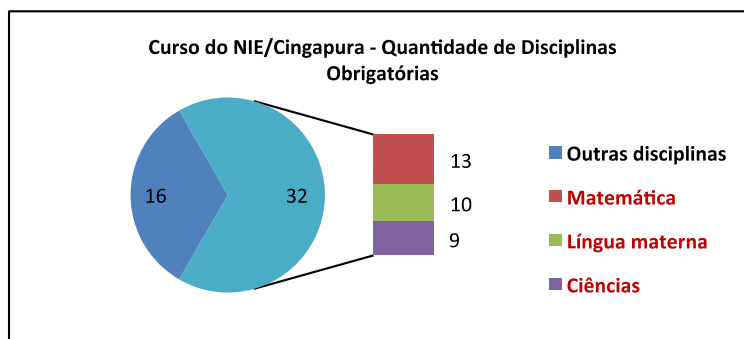
Categorias	Disciplinas dos cursos		Bibliografia dos concursos	
	n	%	n	%
FUNDAMENTOS GERAIS DA EDUCAÇÃO	903	22,3	161	29,2
[história, sociologia, psicologia, filosofia, etc...]	[794]	[19,6]		
[didática geral]	[109]	[2,7]		
LEGISLAÇÃO E GESTÃO ESCOLAR	547	13,5	174	31,5
[currículo]	[172]	[4,3]		
CONHECIMENTOS PROFISSIONAIS	960	23,7	172	31,2
[Metodologia, didáticas específicas e práticas pedagógicas]	667	[16,5]	[27]	[4,9]
[Conteúdos do currículo: alfabetização, português, matemática, ciências, história, geografia, artes, etc...]	[258]	[6,4]	145	[26,3]
[Tecnologia]	[35]	[0,9]		
OUTRAS MODALIDADES DE ENSINO (Educação de adultos, educação especial, etc...)	399	9,9	17	3,1
OUTROS SABERES (temas transversais, etc...)	274	6,8	28	5,1
Total	4.043	100,0	552	100,0

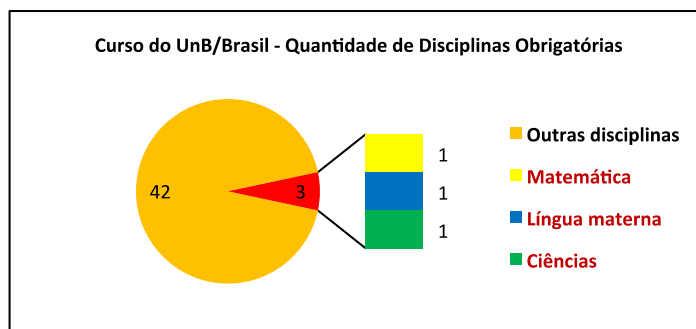
Fonte: Dados adaptados de Bernardete Gatti e outros. Formação de professores para o ensino fundamental: formadoras e seus currículos. (BTPM)

instituições

2) Eu mesmo realizei uma análise comparativa entre o curso de pedagogia do *National Institute of Education*, de Cingapura, e da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, onde trabalho. O contraste não poderia ser maior. Enquanto em nossa Faculdade de Educação o aluno precisa cursar obrigatoriamente apenas *uma* disciplina de matemática, *uma* de língua materna e *uma* de ciências para se formar (entre as 45 disciplinas que compõem o currículo do curso), o aluno do NIE de Cingapura precisa cursar obrigatoriamente 13 disciplinas de matemática, 10 disciplinas de língua materna e 9 disciplinas de ciências para se formar (entre as 48 disciplinas que compõem o currículo do curso).

Gráfico 1 – Diferenças entre os currículos de pedagogia do NIE e da UnB





Fonte: pesquisa própria não publicada (BTPM)

- 3) Pesquisei também a qualidade psicométrica e pedagógica das edições do *Provão* e do *Enade de Pedagogia* entre 2003 e 2011. Os testes são muito ruins sob os dois aspectos e a razão principal disso se deve ao excesso de viés ideológico marxista, neomarxista, filomarxista, crítico-progressista, etc ... Realizei o mesmo tipo de análise com duas provas de concursos destinadas a contratar pedagogos para a rede pública de ensino do Distrito Federal e identifiquei a mesma fragilidade psicométrico-pedagógica devida ao forte viés ideológico inserido nesses testes. Se eu fosse encarregado de contratar professores para atuar nas séries iniciais do ensino fundamental, preferiria aplicar o teste do Prova Brasil de matemática e de língua portuguesa aos candidatos, o mesmo aplicado aos alunos de 5º ano (aproximadamente 10 anos de idade), recrutar aqueles que atingissem um desempenho aceitável; preferiria isso a contratar os melhores colocados na Prova Enade de Pedagogia, que não mensura se o candidato domina a taboada e muito menos se sabe ensiná-la às crianças.

Consequências da doutrinação ideológica?

Também aqui, irei direto à minha resposta. Identifico pelo menos três consequências da doutrinação político-ideológica nas escolas e nas universidades.

Do ponto de vista estritamente *escolar*, a doutrinação *deprime a qualidade do sistema de ensino* na medida mesma em que passa a conferir mais importância à tarefa supostamente salvística de “conscientizar politicamente o aluno” do que a ensiná-lo a ler e entender um jornal, por exemplo, de modo a que o aluno possa compreender as notícias por conta própria e ampliar a sua capacidade decisória no campo político-partidário. Como explicar, conforme indícios por mim coletados ao processar os microdados do *Prova Brasil*, que os alunos de professores com titulação em pedagogia não apresentem um desempenho significativamente acima dos alunos cujas

professoras são tituladas apenas em nível médio (antigo curso normal, depois magistério de 1º grau)? Alguma coisa está muito errada aí. *Cherchez la ideologie!*

A doutrinação político-ideológica provoca também uma *distorção na concorrência político-eleitoral* cuja magnitude pode não estar sendo devidamente considerada. Discute-se neste momento o grave problema da corrupção eleitoral associada à participação de grandes empresas no financiamento ilegal da última campanha presidencial (um problema que poderá contribuir para o eventual impeachment da presidente eleita). Muito bem. Mas não será igualmente inaceitável o financiamento da militância político-partidária praticada por professores dentro das salas de aula com o dinheiro dos contribuintes? Eu pude constatar com meus próprios olhos inúmeros colegas da UnB entrando e saindo de suas salas de aula com *botons* de seus candidatos, sobretudo da candidata Dilma, mas também dos candidatos Aécio e Marina. Mais ainda, escutei de vários alunos meus que muitos professores tomaram todo o tempo da aula para falar do paraíso e do inferno em que se transformaria esse país se tal ou tal candidato vencesse as eleições. Como disse Max Weber, eis aí um exemplo de atitude torpe por parte de um professor; eis aí, direi eu, uma maneira eficaz mediante a qual o professor conspira contra a sua autoridade profissional sobre os seus alunos (especialmente sobre os melhores alunos, conforme verifiquei em minha experiência pessoal; quanto mais relapsos são os alunos mais vulneráveis eles tendem a ser a livros e artigos ideologicamente doutrinários).

A doutrinação político-ideológica provoca também um efeito que, embora menos evidente à primeira vista, talvez seja o mais decisivo para o futuro do Brasil: *um verdadeiro efeito (contra) civilizatório*. Esse assunto também é muito espinhoso, e envolve de modo muito especial a relação entre *escola, família e religião*. Eu poderia dar um curso inteiro sobre esse tema. Limitar-me-ei, contudo, a colocá-lo aqui da seguinte maneira: os *Temas Transversais*, presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), tenderão a se tornar cada vez mais alvo da estratégia gramsciana de conquista do poder. Em função de seu caráter difuso e incidioso, eles se prestam muito mais à doutrinação político-ideológica do que as antigas disciplinas de Moral e Cívica, Organização Social e Política Brasileira (OSP) ou Estudo dos Problemas Brasileiros (EPB). É muito mais fácil identificar um viés político-ideológico em uma disciplina específica do que em um assunto que pode entrar e sair de cena ao longo de todo horário escolar e em todas as disciplinas. Valendo-se do *consenso aparente* sobre a *urgência dos e a forma de abordar* os temas transversais constantes nos PCNs (meio ambiente, saúde, ética, orientação sexual), a estratégia revolucionária utilizará cada vez mais esse espaço escolar para destruir a ordem moral vigente na sociedade brasileira. Os primeiros sintomas gerados por esse *trabalho insidioso de politização/estatização da vida moral da sociedade* já se fazem presentes em nosso

meio escolar. Observe-se, por exemplo, o que tem acontecido em relação ao tema transversal *Orientação Sexual!* O quadro é especialmente alarmante quando o próprio governo federal assume o protagonismo de financiar a construção de máquinas saca-camisinhas a serem instaladas dentro das escolas públicas como se essa iniciativa fosse a coisa mais consensual do mundo entre os pais (projeto que só não foi – ainda – implementado em função da reação de algumas lideranças religiosas). Ouçam o que diz o *lema surreal* que os ideólogos da máquina saca-camisinha inscreveram no equipamento:

“Com CAMISINHA o prazer de estudar e aprender é garantido!”.



Máquina saca-camisinha: algo do tipo “projeto político pedagógico interdisciplinar” do Ministério da Educação e do Ministério da Saúde do Brasil

Como eu não tenho vocação para a sátira, quando descobri essa pérola de nonsense enviei-a ao filósofo Olavo de Carvalho, que respondeu-me imediatamente o seguinte:

“Prezado amigo, a camisinha é realmente um instrumento indispensável ao estudo. Aristóteles não dava uma aula sem a sua. Einstein entrou dentro de uma e só saiu quando completou a teoria da relatividade.”

Não quero, porém, concluir minha exposição com uma piada, ainda que seja, digamos, uma *piada séria*. O

Gostaria de terminar lendo para vocês uma das centenas de mensagens recebidas pelo site *Escola Sem Partido*; nesse caso, a mensagem de um pai pedindo socorro:

“Senhores, preciso de uma orientação muito importante. Minha filha testemunhou uma aula dita de "educação sexual" em novembro de 2014 sem o consentimento dos pais. Minha filha, que tinha acabado de completar 12 anos, disse que tinha vontade de chorar, de fugir da sala de aula pelo grande constrangimento que a fizeram passar. A aula continha um pênis de plástico que era passado pela mão das alunas para aprenderem a colocar camisinha, ensinaram a praticar sexo oral e anal.

Enfurecido, fui até a escola para falar com a diretora, que informou ser obrigatório pela prefeitura, e os agentes do posto de saúde eram profissionais preparados. Eu falei sobre a CADH e ela fez pouco caso. Procurei advogados. Infelizmente eles disseram que processo contra o município seria de grande demora para receber. Então não pegariam. Agora, em 25/02/2015, minha filha disse que a professora de ciências falou sobre penetração, sobre o homem quando goza dentro da vagina... Estou impotente. Não tenho condições de levar minha filha para outra escola agora. Crio meus filhos dentro de nossa doutrina religiosa e, mesmo sabendo das necessidades de aprender sobre as manifestações de nossos organismos, tento planejar a descoberta dos pequenos através de etapas. Sei que é desnecessário apresentar essas coisas nessa idade. Porventura querem prepará-los para realizarem o ato sexual precocemente? Me ajudem no que puderem, por favor. Sou um pai desesperado, implorando para alguém que tenha um conhecimento mais amplo que eu. Por favor.”

Eis uma ilustração contundente de como a suposta *orientação sexual de estudantes* engendra na *desorientação educadora dos pais*; de como a doutrinação política e ideológica nas escolas promove o envenenamento maquiavélico da relação entre a escola e a família. As lideranças revolucionárias sabem exatamente o que estão fazendo e tomam a confusão e o mal-estar crescentes no seio da sociedade civil como indicador de eficácia de seus atos.

Muito bem, o apelo desse pai insere uma quarta pergunta nesse debate:

Como solucionar ou minorar o problema?

Gosto de pensar que esta palestra pode ajudar esse pai a compreender o que está acontecendo. Mas esse pai precisa mais do que uma razoável análise sociológica. Ele precisa da proteção legal a que tem direito. O que ele precisa é de um lugar e um fundamento para registrar ocorrência por estar sendo lesado. E é aí que entra o projeto

de lei que institui o *Programa Escola Sem Partido*, protocolado pelo Excelentíssimo Senhor Deputado Izalci Lucas, uma das iniciativas mais alvissareiras que surgiram no País nas últimas décadas no enfrentamento do problema da doutrinação política e ideológica nas escolas. Espero, então, que Vossas Excelências possam ajudar efetivamente esse pai, que certamente expressa a angústia de todos os pais e de todas as mães responsáveis de nosso Brasil.

Muito obrigado a todos pela atenção.

* * *